***A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A EDUCAÇÃO DOS VALORES:
ALGUNS EQUÍVOCOS E OUTROS TANTOS DESAFIOS***

Joaquim Azevedo

Comunicação apresentada nas 2^{as} Jornadas Pedagógicas “Educação, Família e Valores: Desafios ...”, organizadas pela Universidade Católica Portuguesa - Pólo de Leiria, de 22 a 23 de Fevereiro de 1996

A educação escolar e a educação dos valores: alguns equívocos e outros tantos desafios.

Agradeço aos organizadores o convite que me formularam para participar nestas Jornadas Pedagógicas sobre " Educação, família e valores" e espero que esta oportunidade possa contribuir para enriquecer a nossa reflexão sobre a temática que nos congrega.

São muitas as portas de entrada em tão importante e tão vasta problemática. Como me coube a honra de abrir estas Jornadas, optei por entrar nela de um modo muito aberto e geral, a partir da actualidade e lançando algumas interrogações sustentadas. Tomo como ponto de partida algumas práticas sociais e discursos que recolho da observação da realidade que me cerca. Nesta comunicação analiso apenas o que considero ser um processo de transferência social e de concentração das funções educativas na área específica da educação escolar. Outros abordarão, ao longo das Jornadas, outros aspectos mais precisos, mais habituais e certamente muito importantes para este auditório.

Proponho uma reflexão muito pessoal que encerra uma perspectiva crítica a muitos discursos sobre educação relacionados com a temática da educação dos valores, envolvidos em papel muito dourado e fechados no cofre forte da educação escolar.

Um imenso rol de expectativas sociais.

A ênfase que se tem vindo a colocar, no campo da educação escolar, em torno da educação dos valores, de que estas Jornadas são um bom reflexo, inscreve-se, na minha óptica pessoal, numa tendência para alocar no contexto específico de socialização que é o sistema escolar alguns papéis educativos que antes estavam disseminados por outras instâncias de socialização. Há, de facto, muito indícios de que se

desenvolve, nas sociedades de hoje, um processo de transferência dos papéis educativos da sociedade para o terreno especializado da educação escolar. Na verdade, os pais, os empresários, os responsáveis políticos, administrativos e religiosos, os cidadãos em geral, reclamam uma intervenção crescente e alargada da escola na educação e na formação das pessoas.

Começemos por coligir algumas facetas desta transferência, bem conhecidas de todos nós.

Pede-se à escola que transmita os saberes que se foram acumulando na nossa civilização e que são, em cada época, escolhidos pelos governos como os mais adequados para a apropriação de um thesaurus cultural legado do passado, saberes esses cada vez mais disponíveis por meios electrónicos e susceptíveis de serem colocados por essa via ao alcance de todos os alunos. Pede-se à escola que prepare para a vida profissional, que transmita os saberes-fazer apropriados aos tempos actuais, em que os empregos e as profissões evoluem a ritmos vertiginosos, pelo menos desde a óptica do sistema escolar.

Pede-se à escola que promova o desenvolvimento de cada cidadão na sua individualidade, que faça desabrochar a face autêntica e irrepetível de cada um, como o melhor modo de enriquecer a sociedade e de formar seres livres. Pede-se à escola que forme cidadãos activos, aptos para a participação social, capazes de jogar amplamente o jogo democrático e de sustentar activa e criticamente a própria democracia.

E ainda se pede muito mais. Pede-se à escola que eduque o sentido da responsabilidade pessoal e social em cada aluno, que desenvolva o sentido da cooperação e da entreajuda, pede-se que eduque para a tolerância e para estilos de vida saudáveis, que eduque cidadãos empreendedores, capazes de iniciativa autónoma e de criação de emprego, pede-se que eduque na autoridade e na exigência, pede-se que acompanhe afectivamente o crescimento pessoal de cada aluno e disponibilize o atendimento especializado a quem dele necessitar, pede-se que oriente escolar e profissionalmente cada aluno de modo a promover opções de vida bem fundamentadas por parte de cada um, pede-se que realize a educação sexual, que promova uma educação para a integração multicultural e que ensine o domínio das novas tecnologias da informação, pede-se que eduque para os media e para o

seu consumo cada vez mais crítico, pede-se que eduque os valores universais da solidariedade, da liberdade, da justiça, da paz, no respeito absoluto pela dignidade humana, pede-se que ensine a preservar o meio ambiente, que eduque o comportamento rodoviário e ensine os primeiros socorros, pede-se até, e para resumir, que a escola promova a educação integral do cidadão.

O rol não tem fim. Mas não é tanto a extensão do rol que me deixa preplexo. É, antes, o tamanho do equívoco que lhe subjaz. Creio que o actual modelo de educação escolar não está apto a acolher a grande maioria destas expectativas sociais; é como se a sociedade batesse a uma porta bem ornamentada de uma instituição com uma bela fachada, sem se aperceber que se trata de um cenário de um filme, que mais não tem, em profundidade, que algumas salas no rés-do-chão e a própria fachada. De facto, parece-me que esta escola a cuja porta batemos insistentemente não tem existência histórica

O modelo moderno de educação escolar, que desde os séc. XVIII e XIX se expandiu por todo o mundo, forjou-se na consolidação do Estado-nação e dos regimes democráticos e na sustentação dos esforços industrialistas promovidos pelo capitalismo em expansão. É com este mesmo modelo, na sua matriz essencial, que nos preparamos para entrar no séc XXI. Um modelo que edificou pesados sistemas nacionais de educação, sistemas de educação de massas em constante crescimento, sistemas uniformes e uniformizadores, que se tomaram socialmente como suportes e garantes dos processos de modernização económica e como a principal instância de formação de cidadãos integrados na comunidade.

Estas pressões sociais crescentes escondem uma certa incapacidade em discernir, neste rol de expectativas e missões, quem, quando e como as vai executar. Bastaria relembra-las, uma a uma, para concluirmos que estamos a pedir o impossível ao actual modelo de educação escolar. O seu colapso seria total. E, curiosamente, é precisamente essa a impressão que os discursos públicos dos vários actores sociais veiculam acerca da escola: uma instituição que não está à altura de responder às nossas chamadas, múltiplas e inquietas.

Este ciclo de altas pressões que se exerce sobre a escola, paradoxalmente, parece prender-se com o relativo sucesso do seu modo

específico de socialização. Ao tomar a seu cargo, cada vez em maior número e durante mais tempo, as crianças, os adolescentes e os jovens, e ao alargar o seu domínio de socialização, ao mesmo tempo que outras instâncias o restringem - as igrejas, o serviço militar obrigatório, as famílias, os sindicatos,... -, a educação escolar amplia a sua importância como símbolo cultural e adquire um enorme peso nas representações dos cidadãos. O seu sucesso, poder-se-á dizer, seria a raiz do seu insucesso.

Duas questões, entre outras, podem merecer, entretanto, a nossa ponderação. Será que devemos ir por aqui, ou seja, insistir nesta colocação dos ovos das mais bem fundadas expectativas sociais no cesto único da educação escolar? E, segunda questão, se formos por aí, de que tipo de escola necessitamos para responder adequadamente a essas expectativas?

Vejamos então. Em primeiro lugar tenho que confessar que não possuo a resposta para as interrogações. O que considero importante é que os problemas se debatam, deste e de outros modos. A redefinição do papel e do lugar da educação escolar na educação dos valores e na educação em geral requer a mobilização muito activa de muitos agentes sociais.

Um burrinho tão jeitoso ali mesmo à mão!

Parece-me que, para já, é importante travar esta fuga para a frente que nos faz como que esquecer e "resolver" um sem número de problemas sociais só pelo facto de termos realizado "perfeitamente" o seu endosso para outro nível de responsabilidade social. De endosso em endosso, lá vamos transfigurando a educação escolar na "mãe de todas as funções educativas" e ficamos bastante satisfeitos, como se o cumprimento dessas funções ficasse, assim, como que automaticamente, assegurado. Ora, como bem sabemos, endossar um problema não significa resolvê-lo, equivale apenas a transferi-lo e, eventualmente, a criar novas condições para a sua realização.

Mas, em meu entender, dificilmente seria este o caso. Darei três exemplos. Parece-me que de pouco ou nada adianta esta transferência e este processo de concentração quando, por exemplo, desejamos que a escola preencha a função afectiva imprescindível ao adequado

crescimento pessoal, em substituição do que se pressupõe ser realizado sobretudo em ambiente familiar.

Não há na escola quadro organizacional nem, sobretudo, relacional, não há, nem vislumbro que possa algum dia haver, na escola, textura afectiva e complexidade de relacionamento humano que substituam a textura humana da família. Não há organizações escolares capazes de substituir famílias. Por mais humanidade que haja no relacionamento do professor com o aluno, o contexto escolar formal não pode substituir o contexto afectivo e relacional da família. O ambiente escolar é outro, é o da exigência e do esforço de progressão nas aprendizagens, o da prestação de contas e o da avaliação permanente, com maior ou menor estímulo a ultrapassar dificuldades. Ou seja, se há uma crise acerca do lugar e da função da família tradicional, se há ambientes familiares que o não são, é preciso enfrentarmos esse mesmo problema, antes de mais no seu terreno próprio, ainda que sem colocar a organização escolar de fora do problema e dos contributos para a sua resolução. Reconheço que é mais fácil fazer da escola o que posso designar como um burrinho-jeitoso-que-ali-vai-a-passar e que, uma vez que está mesmo à mão, decidimos carregar com todos os nossos fardos.

Se a família tem sido, na nossa cultura, um locus social tão importante na construção do sentido da vida das pessoas, melhor será não prescindir dela e, sem mais esforço cultural e reinvenção civilizacional, responsabilizar a escola - com frases como "ela deve educar para os valores", que dizem tudo e nada dizem -, mas dar-lhe mais atenção e enfrentar essa mesma crise. Corremos o risco, inconscientemente, de trocar por coisa nenhuma elementos estruturais da nossa própria identidade cultural.

Outro exemplo é o que refere às relações entre a educação escolar e a economia capitalista. Gerou-se e disseminou-se a perspectiva de que compete à educação escolar preparar os quadros e os trabalhadores necessários, em cada momento, ao desenvolvimento das actividades das empresas. As escolas e as universidades devem, por isso, promover quer o desenvolvimento das competências gerais quer a formação nas diversas especialidades, assegurando, assim, a melhor interligação entre o sistema escolar e os postos de trabalho disponíveis.

Ora, muitos estudos têm evidenciado a enorme fragilidade desta ideia de correspondência mecânica entre educação e emprego e as vastas limitações das instituições escolares em realizarem a missão que lhes está - até pelo senso comum - confiada. Na verdade, o sistema escolar nunca conseguirá qualificar os recursos humanos de que as empresas necessitam, entre muitas razões, porque não consegue acompanhar o ritmo da evolução das necessidades e dos perfis desejados, nem é capaz de qualificar para os postos de trabalho concretos disponíveis, entre outros motivos, porque esta disponibilidade só se avalia no momento concreto em que se procura uma colocação e não no momento em que se planifica a formação. Por outro lado, as práticas concretas de recrutamento de novos trabalhadores obedece a uma panóplia de critérios muito ampla, entre os quais está a qualificação inicial, não se sabendo com que destaque e quantas vezes surgindo reduzida apenas ao tipo de diploma e não ao seu conteúdo.

Quando muito, o sistema escolar pode proporcionar o desenvolvimento de um amplo leque de competências genéricas e a formação numa certa família profissional, mas muito dificilmente se poderá esperar que seja a formação técnica e profissional a criar as condições para a qualificação dos empregos e das organizações produtivas e, muito menos, para a emergência dos empregos. No entanto, sistematicamente surgem discursos de empresários e de responsáveis políticos a atribuir ao sistema escolar a principal responsabilidade pelas altas taxas de desemprego juvenil.

Outro exemplo é o que se refere à educação para os meios de comunicação social. Estes operam por todo o mundo e a toda a hora, moldando cada vez mais os habitantes do planeta. Ditam as suas leis, subordinam as mentes ao seu ineludível poder de determinar os consumos e os gostos. Eles - a TV, o vídeo, o disco, o cinema, a rádio, os jornais e as revistas, a fotografia, os jogos vídeo e os programas informáticos, a realidade virtual - proporcionam às crianças e aos jovens incontáveis horas de vivas emoções, contínuas sensações visuais e sonoras, viagens permanentes pelo imaginário de pessoas, de povos e de culturas.

Entretanto, erguem-se cada vez mais vozes preocupadas com a acção desta "escola paralela", seja pelo excesso de informações incontroladas que ela veicula (o ruído), seja pela violência que

alguns desses meios transmitem, seja ainda pela sua subordinação à lógica do consumo como o grande factor do sucesso pessoal ou ainda pela demasiada aceleração que, (sobretudo) a televisão, a tudo imprimiu.

Mas, o que significa transferir para o terreno da educação escolar a tarefa central da educação para a paz, quando os diversos agentes sociais são incapazes de travar a progressão galopante da violência nos media? O que significa educar para a cooperação e para o sentido de responsabilidade pessoal se os media, sobretudo a TV, veiculam todos os dias o valor da competição e do máximo consumo como os valores mais importantes a preservar?

Queremos fazer da educação escolar uma espécie de local da resistência racional ou de local do discernimento crítico, reservando para a escola dos media o sagrado e intocável papel do fomento do consumo incontrolado, do culto do fragmento como se ele fosse uma nova religião, da subordinação pacífica face à competição desenfreada e à violência que ela encerra?

Em síntese, muitos dos chamados desafios actualmente lançados à educação escolar poderão não passar de magnos problemas sociais, que urge conhecer e enfrentar como tais e no próprio terreno onde nascem e se desenvolvem, antes de correr a trazê-los para o campo do sistema escolar, campo esse que até se pode vir a manifestar muito limitado ou até incapaz de lhes fazer face.

Pode acontecer, também é verdade, que se verifique que o sistema escolar deve participar activamente, quer como tarefa principal quer como acção periférica, na construção de respostas sociais adequadas aos novos problemas que se levantam. Neste caso, o que me parece crucial debater é o como, ou seja, em cooperação com quem e em que condições poderão as organizações escolares ampliar ou modificar as suas funções tradicionais.

Aquilo a que geralmente se assiste é a um contínuo descarregar de fardos sobre o tal "burrinho jeitoso", sem cuidar de medir as suas forças, o que se tem traduzido numa cadeia de efeitos negativos, entre os quais se podem sublinhar tanto a propagação da ideia de que a escola é incapaz e está mergulhada numa enorme crise, como uma

degradação progressiva da imagem pública dos professores, incapazes de exercerem o papel de super-profissionais que, por força desse ordenamento, lhes caberá.

Penso que a persistência neste tipo de equívocos pode voltar-se, qual boomerang, mais do que contra a escola, contra a mesma sociedade que os alimenta. Por isso, será necessário manter o debate aberto e os conflitos em tensão. Prefiro, por isso, um discurso interrogante e inquieto, que procura, à proliferação de boas falas acerca das nobres funções da educação escolar na educação dos valores.

Que fique claro que não advogo que a escola se feche sobre si própria e se refugie na mecânica transmissão de saberes prescritos e numa abstracção intelectual injustificável. É preciso que a escola se abra aos desafios dos novos tempos que estão a emergir, mas tem de o fazer não como quem aceita ser, passivamente, o "último recurso", mas como um subsistema social que se interroga com outros, com os media, as famílias e os empresários, por exemplo, e com eles constroi, dando tempo ao tempo, novas racionalidades para enfrentar esses desafios.

É tudo muito competitivo

Na sequência da recente morte trágica de três jovens, em Lisboa, um semanário foi ouvir alguns jovens e deu-lhes voz. Um deles, estudante como a grande maioria dos jovens portugueses, falava assim do seu quotidiano: "É tudo muito competitivo, como se a nossa vida se decidisse aos 18 anos e tivéssemos de mostrar ao mundo que somos os maiores logo na creche. A vida é uma escalada. (...) logo no secundário olho à volta da minha turma e já sei que metade não vai ser escolhida. É um fantasma horrível." (Expresso, 10-02-96)

Pois é. A própria educação escolar não é neutra. Muitas vezes, ouço dizer que ela não educa para valores. Mas é claro que o faz e faz até muito bem. Ao que se costuma dizer, usa para esse efeito o seu currículo oculto. O que talvez seja preciso debater muito mais e melhor, nomeadamente em cada escola, é que tipo de valores queremos que configurem a educação escolar, neste preciso momento histórico e em cada local preciso.

Entretanto, quero lembrar que ultimamente os portugueses têm sido muito permeáveis aos discursos, públicos e privados, que apregoam, com bons argumentos, diga-se, que a escola secundária e até a básica têm de ser selectivas, que o prosseguimento de estudos secundários e superiores deve ser precedido de exames rigorosos e nacionais, de preferência a todas as disciplinas, que a notação deve ter um leque muito amplo para ser muito precisa, que os programas escolares instituídos têm de ser integralmente transmitidos em todas as salas de aula, que os dias de escola por ano têm de ser aumentados, etc e etc. É que, justifica-se, o desemprego juvenil já atinge os 40% em alguns países da União Europeia e, não havendo lugares para todos, os que estão disponíveis têm de ser para os melhores e essa selecção é a escola que a sabe e pode fazer. Podíamos continuar...

Não dispomos de tempo, nem se justificará. O que pretendo dizer é que as escolhas que fazemos, digam elas respeito à economia, à organização da sociedade, ao futuro que queremos para os nossos filhos, são orientadas por valores e que são essas escolhas que vão, depois sobredeterminar, em grande parte, os valores dominantes na escola. Aqui, as escolhas que fazemos como professores, na "caixa negra" da sala de aula, são igualmente promotoras de valores na educação escolar.

"É tudo muito competitivo"! As escolhas sociais, culturais, económicas que fazemos, o tipo de vida que elegemos como nosso, são eles que moldam esta escola competitiva, da creche ao doutoramento. O modelo moderno de educação escolar, disso não tenho muitas dúvidas, está capacitado para dar resposta a este requisito. Diria até que a sua capacidade de selecção se está a tornar mais eficaz em cada dia que passa. Mas esta moeda tem o seu reverso: ocorre que mais de cem mil adolescentes abandonam, todos os anos, o sistema escolar português sem qualquer qualificação ou diploma e cada vez estão a fazê-lo mais cedo. Ora, isto é coerente, muito coerente com o modelo escolar reinante.

O corolário desta reflexão talvez já deva ser enunciado: agora, já só precisamos de reinventar o modelo de educação escolar.

Entre as realidades e os anseios

Para concluir, uma breve reflexão final. Diante de uma realidade quotidiana tão difícil e conflituosa não é muito fácil ouvir, sem mais, atribuir às escolas funções quotidianas tão bonitas e eloquentes como a da educação integral da pessoa humana, a da atenção permanente ao desabrochar de cada ser humano, ou à irrupção da liberdade como a mais bela manifestação que ocorre nos recintos escolares,...

É verdade, não é fácil. Mas, qual paradoxo, apesar da aparente ingenuidade deste discurso e das críticas que lhe lanço, ele é muito importante e necessário.

Mesmo nas enormes limitações da sua formulação, ele corresponde a um anseio profundo de muitos de nós, e tantas vezes silenciado, de uma nova orientação educativa nas nossas escolas.

O anseio de uma escola que contraponha à competição a contemplação, à sua suposta neutralidade, o investimento reflexivo sobre os valores que queremos promover na escola, à selecção como norma de desenvolvimento pessoal, a promoção humana da diversidade, à voracidade mecânica da progressão e das metas escolares, o tempo do discernimento e da reflexão, ao débito verbal contínuo, a actividade participada e o diálogo, à escola uniforme em todas as localidades, a diversidade de projectos educativos localmente construídos, aos currículos únicos e pronto-a-vestir, a multiplicidade de cursos e de percursos pessoais com valor educativo equivalente, à actuação isolada de cada professor e do conjunto dos professores, as equipas multiprofissionais e a integração interinstitucional entre a escola e a sociedade envolvente, à tentativa de acumulação desenfreada de saberes, o desenvolvimento de atitudes, comportamentos e competências humanas.

A voz de uma ex-aluna da Escola C+S de Proença-a-Nova ilustra bem o que acabo de dizer (depoimento lido na sessão por um professor desta Escola. Texto de Maria Inês Cardoso):

"Quando se fala de escola, de certeza que todos evocam de imediato os espaços que conheceram na infância, enquanto frequentaram a escola primária ou o conjunto de edificios da escola C+S. Alguns lembrar-se-ão, talvez, das primeiras letras que aprenderam, do primeiro ano em que começaram a tentar falar francês ou inglês e,

quem sabe, daquela turma tão especial e cheia de gente engraçada, com quem se fizeram inúmeras tropelias.

Pena é que, para muitas pessoas, a escola seja apenas associada à noção de saberes que se adquirem e colecionam. Que a escola seja, ainda, encarada como um espaço onde apenas se vai para aprender português, filosofia, matemática...

Para mim, a escola é muito mais do que isso. Tanto na escola primária como na C+S aprendi lições que não constam dos sumários. Foram muitos os professores que se preocuparam em fazer circular, além de saberes, valores que são importantes para o crescimento humano dos alunos. Foram muitas as aulas em que discutimos um pouco de tudo, em que expressámos opiniões, debatemos posições e chegámos a algum lado.

Não quero com isto dizer que os pais devem deixar à escola o papel de formar os seus filhos. Aliás, este clima de desresponsabilização já se vai vivendo em muitas casas. Quando os filhos levantam problemas é fácil dizer que a culpa é dos professores. Mas a socialização e educação das crianças e jovens começa em casa, embora seja continuada na escola, nas relações com os amigos, através da televisão...

A escola só é "chata" quando os alunos assim querem. A verdade é que muitos preferem entrar na sala de aula à defensiva, partindo do princípio que um professor é quase um inimigo a quem tem de se dar cabo da cabeça. E um professor é, afinal, alguém que quer ajudar os alunos a crescer, embora nem sempre saiba exprimir-lhes e mostrar-lhes isso.

A escola é aquilo que todos os que nela circulam quiserem que ela seja. Pode-se entrar nela a correr, com pressa de se chegar ao fim e sair, mas pode-se igualmente querer uma escola onde se vai buscar muita coisa necessária para se ser mais pessoa, onde se aprendem caminhos e se vê que a vida é feita de opções.

Passamos uma boa parte da vida sentados em bancos de escola. Será um tempo quase perdido se só aprendermos quem foi o primeiro rei de Portugal ou quem escreveu "Os Lusíadas"...

Não se esqueça, por fim, de tomar em consideração, ao abordar esta temática, três novas e singelas facetas da realidade de hoje: primeira, que a escola já não detém o monopólio das fontes do saber, nem está só no seu desenvolvimento; segunda, que é uma instituição muito limitada na sua organização, nos seus meios e nas suas finalidades para poder fazer face à tamanha carga de expectativas sociais que sobre ela depositamos; terceira, se queremos que ela desempenhe novas tarefas educativas e escolares temos de reconstruir o seu actual modelo.

A educação dos valores, a formação de uma consciência moral e o desenvolvimento de uma dimensão ética, é uma tarefa primordial de cada ser humano face aos seus semelhantes, das instituições sociais, as mais diversas, no seu labor diário, dos dirigentes políticos, culturais, económicos, empresariais, administrativos, e também da escola, como é evidente. Mas, aí da escola se aceita, ainda que implicitamente, a demissão de todos os outros actores sociais e se pavoneia orgulhosa do seu cesto repleto de ovos, desdenhando dos outros, que vê vazios. Não tarda, será apedrejada no centro da praça pública - não é a isso que já assistimos?- e as sociedades humanas poderão vir a ficar ainda mais pobres, porque ainda mais incapazes de proporcionar a livre emergência em cada homem das manifestações da sua irredutível autenticidade.

Porto, 22 de Fevereiro de 1996